

A VISÃO SINO-RUSSA SOBRE A COREIA DO NORTE

Por M. K. Bhadrakumar*



O líder norte-coreano, Kim Jong Un, cumprimenta Sergei Shoigu, ministro da Defesa da Rússia, na visita deste à Pyongyang, Coreia do Norte (Reuters via KCNA).

A visita de Shoigu a Pyongyang tem uma agenda muito maior para integrar a Coreia do Norte na geoeconomia da Eurásia.

A visita de Estado de três dias, de 25 a 27 de julho, do ministro da Defesa russo, Sergey Shoigu, acompanhado por uma delegação militar, a Pyongyang, é a primeira visita de alto nível de Moscou na era pós-soviética. O encontro de Shoigu com o líder norte-coreano Kim Jong Un na quarta-feira eleva o que teria sido um gesto amigável do Kremlin no 70º aniversário do armistício que levou ao fim das hostilidades da Guerra da Coreia a um universo totalmente diferente.

No nível mais óbvio, abre um buraco na cortina de ferro das sanções que os EUA construíram em torno da Coreia do Norte. Mas a visita de Shoigu, coincidindo com a Cúpula da África em São Petersburgo presidida pelo presidente Vladimir Putin, precisa ser vista como parte da mensagem da Rússia de que voltou com força ao palco central da política mundial.

A cereja do bolo foi uma visita guiada ao arsenal de mísseis da Coreia do Norte capaz de transportar ogivas nucleares, incluindo seu mais novo míssil balístico, o Hwasong-18, que Kim mostrou pessoalmente para a delegação militar russa.

A agência de notícias norte-coreana [NKNA] informou que Shoigu entregou uma carta manuscrita de Putin a Kim. Ele comentou que “relembrando com profunda emoção a história da amizade profundamente enraizada RPCN-Rússia, eles, nas

conversas, trocaram avaliações e opiniões sobre questões de **interesse mútuo no campo da defesa e segurança nacional** e no ambiente de segurança regional e internacional, **chegando a um consenso de opinião** sobre eles... [ênfase adicionada].

“O encontro entre Kim Jong Un e Sergei Shoigu em um momento importante serve como uma ocasião importante para desenvolver ainda mais as relações estratégicas e tradicionais RPCN-Rússia conforme exigido pelo novo século e **impulsionar em profundidade ainda maior a colaboração estratégica e tática** e a cooperação entre os dois países no campo da defesa e segurança nacional para **lidar com o ambiente de segurança regional e internacional em constante mudança.**” [ênfase adicionada].

O Ministério da Defesa da Rússia disse que a visita de Shoigu “contribuiria para fortalecer os laços militares bilaterais e marcaria uma etapa importante no desenvolvimento da cooperação entre os dois países”.

A ênfase na transcrição norte-coreana está inequivocamente nas questões de defesa e segurança, chamando a atenção para o ambiente volátil no Extremo Oriente e, especificamente, na “colaboração e cooperação estratégica e tática”. Moscou refutou reportagens ocidentais sobre a cooperação militar com a Coreia do Norte. Uma nova página possivelmente está se abrindo.

A visita de Shoigu ocorreu paralelamente à visita de Li Hongzhong, vice-presidente do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo da China, sinalizando que a Rússia e a China “permanecem próximas” da Coreia do Norte – para tomar emprestado um [comentário do *Global Times*](#) – em resposta à administração Biden acelerando o aprofundamento de uma aliança trilateral entre Washington, Tóquio e Seul.

Washington está aproveitando a transição política na Coreia do Sul com a eleição do presidente sul-coreano pró-ocidental Yoon Suk-Yeol no ano passado em maio, que reverteu a trajetória de política externa independente de seu antecessor Moon Jae-In em direção a Moscou e Pequim e desistiu completamente dos esforços para chegar a uma distensão com Pyongyang.

A abordagem dos Estados Unidos no Extremo Oriente é comparável à sua estratégia no Oriente Médio, onde também costumava estimular a iranofobia e impedir a cristalização de qualquer processo de segurança regional, o que ajudou a aumentar sua presença militar na região e promoveu exportações de armas em grande escala. A principal diferença está no impulso da estratégia de Washington para o Extremo Oriente, que consiste em conter a China e a Rússia.

Não há dúvida de que os Estados Unidos estão agravando a situação na Ásia ao provocar Pyongyang e minar a situação na Península Coreana para mantê-la em um estado de animação suspensa que pode ser revisitado a qualquer momento. As recentes visitas sucessivas em julho de dois submarinos nucleares americanos às bases navais sul-coreanas são um exemplo disso.

No período recente, o confronto congelado entre as duas Coreias está constantemente se aproximando da escalada devido ao aprofundamento da cooperação militar entre Washington e Seul. Um momento decisivo ocorreu em abril, quando Biden e Yoon assinaram a [Declaração de Washington](#) sobre a dissuasão da Coreia do Norte, que envolve a criação de um grupo consultivo sobre questões na esfera nuclear e maior frequência no aparecimento de armas estratégicas americanas, bem como visitas de submarinos nucleares na Coreia do Sul.

Para que não haja dúvida, a aposta dobrada de Washington provocou uma forte reação de Pyongyang e um círculo vicioso está se formando na ausência de qualquer interesse do lado americano em se envolver novamente com a Coreia do Norte. Com efeito, portanto, os americanos estão agravando a situação sob o pretexto de apoiar a Coreia do Sul.

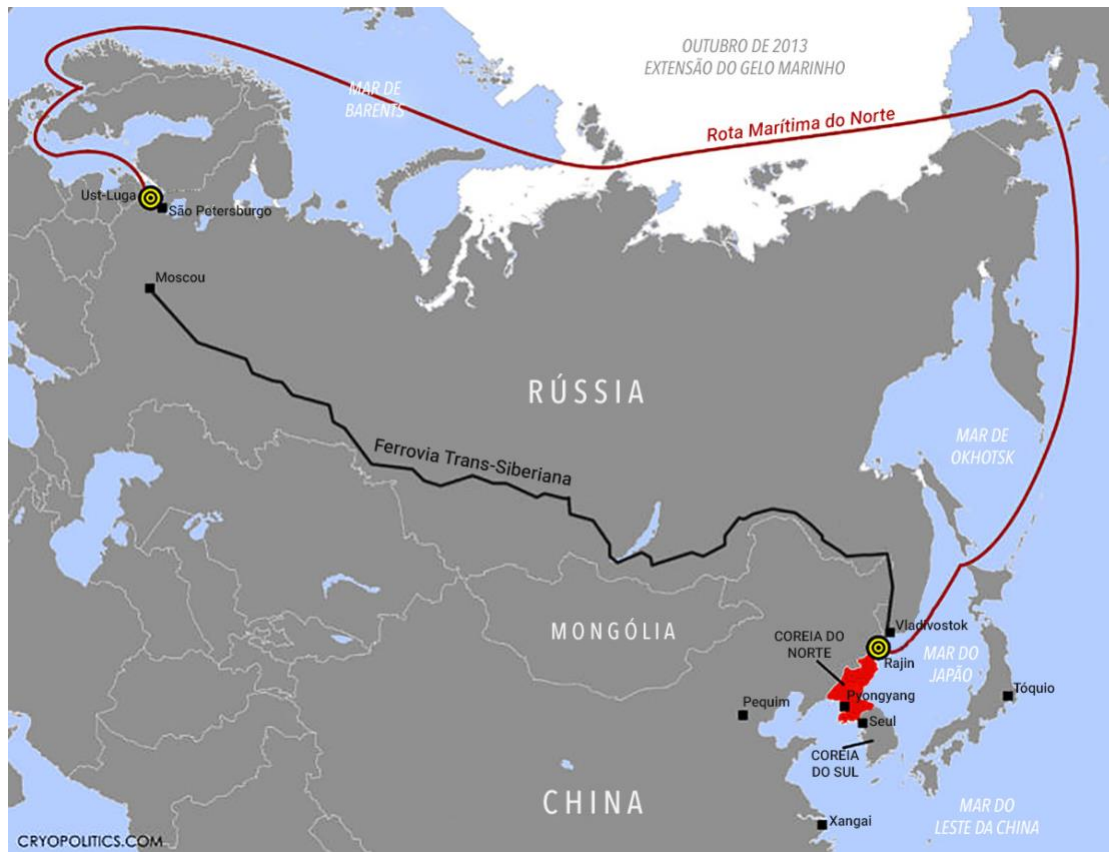
Simplificando, isso cria sinergia para a capacidade dos EUA de combater o eixo sino-russo na região da Ásia-Pacífico. O jornal *Izvestia* [informou na semana passada](#), citando fontes do ministério da defesa em Moscou, que um fortalecimento da implantação do Extremo Oriente está sendo considerado e isso pode incluir a base de porta-mísseis estratégicos Tu-160 “Cisne Branco” na região de Amur – um bombardeiro estratégico supersônico multimodo com asas de geometria variável, projetado para penetração profunda a velocidades de até 2.000 km/h.

O especialista militar Yuri Lyamin disse ao *Izvestia*: “Atenção especial deve ser dada ao Japão, com o qual nós [Rússia] ainda temos disputas territoriais sobre as ilhas Curilas do Sul. Recentemente, este país [Japão] tem aumentado seus gastos militares, e também planeja desenvolver sistemas de armas avançados. Portanto, é necessário fortalecer nossas forças de dissuasão para neutralizar a ameaça vinda dessa direção.”

No entanto, a geopolítica do Extremo Oriente também tem outras dimensões. O valor comercial da rota marítima do Ártico está em destaque, “que é uma área importante onde a China e a Rússia têm potencial e devem fortalecer a colaboração”, escreveu o *Global Times* esta semana.

A Rússia está atualmente testando a rota marítima do Ártico com uma carga de petróleo bruto para a China, que deve chegar em 12 de agosto a Rizhao, na província de Shandong, no leste da China. Esta rota poderia reduzir a distância marítima entre a Europa e o Nordeste da Ásia em quase um terço, em comparação com a rota de Suez, que atualmente é usada para a maior parte das exportações de petróleo da Rússia para a China e a Índia.

Sem dúvida, a mudança climática alimenta o interesse pela navegação no Ártico. Mas isso também está estabelecendo um novo estágio de competição de poder global, envolvendo interesses políticos e econômicos para o comércio entre a Ásia e a Europa. O significado estratégico é profundo, já que a Rota do Norte não está sob controle americano, ao contrário do Estreito de Malaca.



O *Global Times* [escreveu](#): “Do ponto de vista da geopolítica, o planejamento antecipado e a precaução em termos da diversificação das rotas marítimas são fundamentais para a segurança econômica e comercial da China. Portanto, a China precisa se unir à Rússia no desenvolvimento de novas rotas marítimas no Ártico para atender seus interesses estratégicos de longo prazo”.



Basta dizer que o aprofundamento da cooperação entre as marinhas chinesa e russa, especialmente [patrulhas conjuntas](#), etc. – é um divisor de águas na geopolítica do Extremo Oriente e do Pacífico Ocidental.

Onde entra a Coreia do Norte? Simplificando, o Porto Rajin, localizado na costa nordeste da Coreia do Norte, é o porto sem gelo mais ao norte da Ásia.

Rajin pode se tornar um “centro logístico” se estiver conectado à Ferrovia Transiberiana. Já existe uma ferrovia conectando a Rússia e a Coreia do Norte através da travessia do rio Tumen para chegar ao porto de Rajin (conforme um acordo de 2008 assinado entre as empresas ferroviárias dos dois países).

Uma Zona Econômica Especial em Rajin se encaixa, por um lado, na rede de navegação do Ártico, enquanto, por outro lado, se enquadra no grupo de portos do nordeste da Ásia em que os navios que transitam pela Rota do Mar do Norte podem chegar ou partir, três dos quais – Busan, Qingdao e Tianjin – estão entre os 10 portos de contêineres mais movimentados do mundo.

De fato, a conspiração dos Estados Unidos para manter as tensões altas na situação em torno da Coreia do Norte é evidente. Transformar Rajin realmente em um centro logístico provavelmente exigiria grandes mudanças na situação política na Península Coreana.

A visita pioneira de Shoigu a Pyongyang tem uma agenda muito maior para integrar a Coreia do Norte na geoeconomia da Eurásia. Vê-lo em termos de soma zero não fará justiça aos recursos intelectuais da Rússia para planejar o futuro com visão de longo prazo. Não se surpreenda se as conversas de Shoigu em Pyongyang figurarem na próxima visita de Putin à China em outubro, com [foco na Iniciativa Cinturão e Rota](#).

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
